

Revista Filosófica de Coimbra

vol.15 | n.º29 | 2006

João Maria André
Edmundo Balsemão Pires
Alexandre Franco de Sá
Nuno Venturinha
Pedro Spinola Pereira Caldas
Bernardo Ferreira
João Madeira

RECENSÕES

Averróis. Discurso Decisivo sobre a Harmonia entre a Religião e a Filosofia.. Tradução do árabe e notas de Catarina Belo, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda ('Estudos Gerais. Série Universitária') 2006, 107pp.

Por se tratar, tanto quanto sabemos, da primeira obra filosófica directamente traduzida do árabe na nossa contemporaneidade, não podíamos deixar de a assinalar e congratularmo-nos com a sua edição. Recordemo-nos que até ao presente ninguém se atrevera a fazê-lo e que as obras de que temos vindo a dispor no nosso meio (entenda-se: de factura lusitana) para aceder ao pensamento de Averróis (1126-1198) são irrelevantes. A importância deste acontecimento editorial, tão escandalosamente tardio entre nós em contraponto com o que sucede em universos linguísticos assaz próximos do nosso, entre as línguas filosóficas europeias de prestígio (veja-se o que escrevemos in *O Problema da Habitação*, Lisboa 2002, pp. 103 sg.), não podia passar em silêncio. Entre a vastíssima produção literária de Averróis (Ibn Ruxd), não foi desavisada a opção de CB, sob um ponto de vista divulgador, é claro, por um dos títulos do tríptico alheio ao complexo editorial que granjeou ao jurista-filósofo o epíteto de 'Comentador' (de Aristóteles). Lembremo-nos que o seu trabalho comentarístico, o único que verdadeiramente influenciou desde a Idade Média o pensamento filosófico ocidental, se diversificava em três géneros: *yawami* (comentários breves); *talkhis* (comentários médios) e *tafsirat* (grandes comentários). Ao leitor interessado, permitimo-nos remeter para a nossa recentíssima monografia *Falsafa* (Coimbra: Ariadne 2006) ou também para o estudo, mais breve, que A. Sidarus publicou nas páginas da revista do Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (*Philosophica* 2001, pp. 151-169). Na verdade, o *Discurso Decisivo* (1179-80) deve integrar-se, antes, no conjunto literário constituído pela *Revelação dos Métodos da Demonstração relativamente às Doutrinas da Comunidade Religiosa* (os títulos longos não são uma invenção alemã!) e por *A Incoerência da Incoerência*; utilizámo-nos aqui dos títulos tal como CB os traduz na 'Introdução' (pp. 7-47) que compôs para o seu trabalho de tradução, feita a partir da edição crítica de G. Hourani de 1959 (vd. p. 49), e aqui e ali anotada, por CB, sobretudo apoiando-se nas congéneres traduções inglesa e francesa. Com um pé na religião e outro no direito, o autor 'espanhol', cadí de

profissão e por herança familiar, propôs-se discutir o estatuto legal da filosofia em terras do Islão, i.e., as relações entre a religião e a sabedoria (*hikma* e não *falsafa*), propendendo para a sua harmonização. Nas suas próprias palavras, na tradução de CB: «o objectivo deste tratado é investigar, através de um exame jurídico, se o estudo da filosofia e das ciências lógicas é permitido ou proibido, ou prescrito de acordo com a religião islâmica, enquanto recomendação ou enquanto obrigação (§ 1). Tenhamos presente, não obstante esse intento e independentemente do que algum pensamento xiita actual continua a insistir, que Averróis é o último *faylasuf*. Por isso, este «discurso» assumiu no seu tempo um tom estranhamente fúnebre. Nesta perspectiva, justifica-se de modo ainda mais premente, a oportunidade da tradução de CB, haja em vista o actual clima de barbárie resultante da incompreensão para com a forma mental, política, religiosa arábico-islâmica e para com as suas concretas condições sócio-económicas. Contamo-nos entre aqueles que se atrevem a diagnosticar a morte da *falsafa* na origem deste estado de coisas, situação em flagrante assimetria com a exortação à filosofia que no *Discurso* é remetida para a religião (§ 3). Se se afasta, assim, com a leitura do Discurso, a imagem ‘romântica’ (ou melhor: pós-leibniziana) de um Averróis ateu e campeão do livre-pensamento (certa filmografia egípcia acolheu esta ideia), também se desenha aos nossos olhos um filósofo de pleno direito, rigoroso no que ao estabelecimento da epistema aristotélica dizia respeito (haja em vista a distância crítica em relação Avicena e leia-se o § 16 sobre os três métodos de assentimento ou o § 5 sobre a demonstração). E não menos um autor implacável na crítica à teologia axarita. Esta, na esteira de Algazel, terçava armas contra os filósofos peripatéticos e os teólogos mutazilitas, ambas as esferas prolixas e equivocadas no que à separação entre a filosofia e a religião tangia (vd. os §§ 29, 45, 46, etc.). (Fique dito, de passagem, que não vemos razão para, uma vez adoptada a grafia latina ‘Averróis, se não registar a idêntica ‘Algazel’, devidamente atestada na nossa tradição, em vez do bizarro anglicismo al-Ghazzali). E escrevemos «terçar armas» porque, justamente, o horizonte do projecto racional de Averróis é incompreensível se não for interpretado no quadro político almóada, com a transposição importante, é claro, de que em substituição do mahdi se perfila agora o filósofo, do quem a sociedade islâmica tanto carece. É nestas linhas mais amplas que o *Discurso* ora traduzido se nos afigura, filosoficamente falando, um verdadeiro tratado de hermenêutica ruxdista (§ 20 sgs.): Ou, se se quiser, o seu discurso do método, no elogio da literalidade corânica contra o abuso interpretativo que desprezava a racionalidade aristotélica; leia-se, sob este prisma, o central § 23, que infelizmente se tornaria mais legível se na nota se tivesse já citado integralmente a passagem em causa do *Alcorão* (o que só sucede na nota 27), ou ainda o § 55 com a vertente sócio-política do problema (abordámos o tema de um averroísmo popular na nossa tradução da *Vida Coetânea* de Raimundo Llull, Coimbra: Ariadne 2004). Como já ficou referido, para o leitor que desconhece o contexto que viu nascer a redacção do *Discurso*, CB redigiu uma breve introdução divulgadora – omitindo estranhamente toda e qualquer literatura arábica (de que nos permitimos destacar a tese estimulante e provocadora de M. Abed Yabri, *Nahnu wa-turaz. Qira’at*

mu'asira fi turati-na al-andalusi, Casablanca 1980) – situando Averróis na filosofia medieval islâmica e cristã; referindo-se ao movimento das traduções; o direito, a teologia e a filosofia do autor; a influência na sua obra (e porque não também: a influência da sua obra?); vida e obra; a situação do *Discurso* no âmbito da produção literária ruxdista (não há razão para se falar em ‘averroísmo’ quando, como presumimos ser o caso de CB, se aborda o seu pensamento em primeira mão, directamente no original); um breve resumo do *Discurso* e análise dos seus principais temas. Saudando vivamente a publicação vertente e ficando a desejar (e a aguardar) que CB nos presenteie com mais traduções do original (de Averróis e outros filósofos, nomeadamente Avicena), uma vez que estamos perante um oportuno e meritório trabalho de divulgação, resta-nos apenas acrescentar que a obra fecha com um útil glossário árabe-português de termos técnicos; uma bibliografia (títulos tão importantes e acessíveis, sobretudo provenientes da mais madura produção histórico-filosófica castelhana estão inexplicavelmente ausentes), faltando-lhe, embora, um ‘index nominum et rerum’.

Mário Santiago de Carvalho

Catherine König-Pralong, *Avènement de l'Aristotélisme en Terre chrétienne. L'essence et la matière entre Thomas d'Aquin et Guillaume d'Ockham*. Paris: J. Vrin (Études de Philosophie Médiévale 87) 2005, 291pp.

Não foi sem indisfarçável contentamento que encontramos no recente trabalho doutoral apresentado à Universidade de Lausanne a confirmação e consequente alargamento do princípio de interpretação que defendemos há oito anos atrás na nossa congénere dissertação dedicada a Henrique de Gand (autor que C.K.-P. restituiu como um dos representantes maiores da filosofia do século XIII), acessível na monografia intitulada *A Novidade do Mundo: Henrique de Gand e a Metafísica da Temporalidade no Século XIII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2001 (doravante: ANM). Sob o pretexto da «chegada do aristotelismo em solo cristão», a A. sonda uma dupla problemática metafísica – essência e matéria – no período que medeia Tomás de Aquino e Guilherme de Ockham, num espaço entre Paris e Oxford e com o fito hermenêutico de ultrapassar a mera curiosidade histórica contribuindo, «numa época com preocupações de interdisciplinaridade» (p.9), para instilar a ética na ciência e oferecer uma visão organizada dos diversos domínios científicos (*ibid.*). Não estamos seguro de a A. ter conseguido realizar este último propósito, mas, no interim, conseguiu com mérito levantar um trabalho de quase micro-história intelectual relativos aos dois campos problemáticos referidos. No caso da essência, desenvolvido no ritmo triádico seguinte: Egídio Romano (a tentativa de sistematizar os diversos género do saber); Henrique de Gand (promotor de um método que privilegia o caso particular e seu valor exemplar para delimitar a hierarquia e os campos de pertinência dos